

1) Nesses tempos de catástrofes (social, política, ambiental, existencial...) como a vida na cidade afeta a sua vulnerabilidade? O que você sente como erosão, extração ou expropriação do que é Comum na vida urbana?

Apesar de ter uma posição privilegiada, sinto que o oportunismo de grupos poderosos que investem numa visão de mundo sexista, racista e opressora afetou minha relação com pessoas também oprimidas. A violência está cada vez mais legitimada como linguagem.

me sinto desconfortável com meu próprio medo; como não se sentir ameaçada?

Entre os aspectos da vida em que mais experimento a sensação de vulnerabilidade, e de erosão e extração, é na relação com o tempo e a atenção. Os deslocamentos, a publicidade, a mercantilização do espaço, a insensibilização frente ao sofrimento do vizinho etc.

Como estrangeira na cidade, me vejo tentando estabelecer novas conexões com as pessoas a partir dos espaços. Isso parece me "escapar" entre os dedos. As conexões acontecem, mas algum nível de aprofundamento necessário (pra mim), não parece acontecer.

A perda do tempo de contemplação e convivência. Por vezes o esquecimento da beleza das coisas e dos seres. A plenitude da solidão em todas as suas formas. A explicitação da fragilidade que somos em todas as dimensões. A perda da autonomia para aquilo que nutre as necessidades básicas.

A vida na cidade me causa muita angústia e sensação de perda do livre-arbítrio sobre qualquer dimensão da vida. O maior exemplo do que sinto como expropriação do que é comum é a forma violenta como se dá a produção do espaço na cidade, excluindo a diversidade, matando a vida comunitária.

O modo de pensar acelerado e contínuo junto com uma forma de agir e pensar baseada na competição colocando cada indivíduo contra outra, minando tanto minhas condições físicas e psicológicas como a possibilidade de se construir algo em conjunto, algo novo que possa ser compartilhado.

Estou morando tem pouco tempo em São Paulo (um mês). Não acredito ter experiência suficiente para responder está pergunta. Mas tenho notado que de um modo geral, a cidade e o bairro (dependendo do lugar) não pára. Acredito que este seja um ponto de problematização problematizado.

Acredito que o meio urbano é por excelência o espaço de construção de uma esfera pública pautada na diversidade, no diálogo político e na construção projetos de um saber-fazer e ensinar-aprender em Comum.

Essas possibilidades de experimentação comunicativas estão sendo expropriadas da vida urbana.

Pra mim, como uma pessoa trans, sinto que pensar a cidade e o modo como ela afeta minha vulnerabilidade requer lembrar também do dia e da noite. Habitar a cidade como travesti implicar entender a diferença que a presença da luz do sol faz. Ser travesti à noite é diferente de viver durante o dia.

Se entendi a questão, acredito que aquilo em que a vida na cidade mais me afeta é no isolamento, na perda ou não construção de vínculo, sejam os de bem querer e partilha gratuita da vida, sejam os que podem permitir alguma incidência na política institucional.

Sinto a "falta de tempo": para descansar, para não pensar o que querem que eu pense, para não planejar; tempo para ir até o íntimo das relações. Tempo para cuidar de mim, das pessoas que amo, dos ambientes construídos e naturais. E tira-se o tempo ao me deixar exausto. As pessoas estão exaustas.

A aridez das relações numa cidade como São Paulo são os pontos mais tensos e que competem para o desgaste e a inviabilidade de uma existência minimamente saudável: a extrema desigualdade, a violência dos fluxos urbanos, a ditadura do trabalho morto, o imperativo do carro e o desastre ambiental

Antes de tudo, uma erosão sensorial, pelos ruídos, som alto, publicidade constantes. Além disso, dividir as ruas com automóveis é um lembrete de que há espaço sendo disputado, e eu, pedestre, sou o elo mais fraco, de modo que meu tempo e conforto valem menos que o de um motorista.

O medo.

A sociabilidade que estamos inseridos, pautada na competição e concorrência, corroem os meios possíveis de um ambiente comum e de convivência coletiva. A cidade pelo alto índice de interação e, ao mesmo tempo, a "escassez" temporal presentes no dia do indivíduo é o palco perfeito para isso.

Me sinto diminuído na cidade como se o entorno fosse me engolir.

Afeta de diversas formas, uma delas é o trânsito dos carros que afasta o que é natureza e nos faz pensar "por que tanta gente num mesmo lugar?" e nos faz necessitar, com constância, sair da metrópole em busca de lugares onde a natureza está ao redor.

Sinto um dos meio de expropriação do Comum ocorre por meio da falta de lugares público e gratuitos, e pela vigilância constante que presenciamos pela cidade.

Sinto cada vez mais que o ambiente de uma cidade como são Paulo é estranho ao ser humano. Por não nos reconhecermos como animais, renegamos nossos instintos e a necessidade de fazer parte da natureza ao invés de tomá-la... Mesmo assim, não conheço outra vida e permaneço.

O tempo e a atenção são diluídos e dificulta o sujeito de agenciar esses 2 fatores.

Sinto que o direito a apropriação do espaço público é cada vez mais criminalizado ou negado através de privatizações. Isso gera um impacto enorme nas pessoas, que vão cada vez mais se retraindo.

1) Afeta meu corpo,minha saúde,minhas relações,produz medo e revolta,tristeza e angústia,desejo de contribuir e sensação de impotência. 2) Da cidade e a vida à céu aberto,da terra,das subjetividades,dos corpos,das relações,dos afetos,de comunidade,vizinhança, criação, solidariedade, cooperação.

neste corpo a vida na cidade cria obstáculos para a conexão com a vulnerabilidade em seu sentido de abertura do sensível para a constelação do que pulsa e vive no ambiente - individualização, dissociação, desconexão.

Vulnerabilidade parece ficar associada ao medo, certo estado permanente de susto.

o descaso proposital para com os espaços comuns e públicos.

5h por dia perdidas no transporte precário, como tantos trabalhadores; nas idas e vindas nos desumanizamos mutuamente, olhamos pra baixo e empunhamos os cotovelos pra conseguir entrar no trem... O cansaço se cronificando, com as lonjuras rareando os encontros de trocas significativas com queridos.

O ar poluído, o espaço dado aos carros, excesso de barulho e a corresponde extinção do silêncio, poucas opções de lazer fora do consumo, verticalização e excesso de deslocamentos

A qualidade de vida poderia ser ampliada através de conversas com vizinhos que moram no entorno próximo.

Qualquer ideia de melhoria já se desfaz diante dos caminhos burocratizados e distantes disponíveis.

Sinto a cidade de São Paulo como um ambiente bastante claustrofóbico pois exige um estado de tensão permanente do corpo, do sistema respiratório, da atenção, da quantidade de dinheiro que é preciso para viver; os espaços públicos são na maioria passagens, parar e estar é um desafio.

Acredito que a individualização constante seja o maior problema. Na cidade vivemos todos concentrados em nós mesmos o tempo todo sem parar para olhar o outro ou considerar os problemas que nos afetam como fazendo parte do todo.

Minha vulnerabilidade é a de ser mulher, mulher jovem, e com atuação profissional ameaçada na catástrofe política atual. Ela está no meu corpo e também na minha relação com a sociedade. Assim, sinto expropriadas a minha identidade na vida urbana.

Sinto cada vez mais relações que se esgarçam, temos tido mais dificuldades de trocas e partilhas. Viver em alguns lugares, as vezes, pode gerar isolamento e individualismo. A valorização do espaço público como bem maior e não o consumo e a posse de coisas.

A erosão, extração ou expropriação do Comum para mim podem ser sentidas enquanto medo pelos perigos e riscos na tentativa de usufruir do direito à cidade, a me movimentar pelos lugares e circular pelos espaços urbanos; nos constrangimentos e violências vividos enquanto mulher.

Ela deixa mais evidente para mim quais são os meus receios, principalmente o receio pelo o que pode ocorrer com o meu corpo e o da sensação de que nunca estou sozinha e em silencio.

penso numa "hiperconectividade alienada" como um dos fatores que mais tem desgastado nossa possibilidade do comum. elegemos "um comum" que nos agrada mais, em nossas bolhas, e recusamos (de braços cruzados e pescoços abaixados) "o comum", no sentido daquilo que está indiscutivelmente entre nós.

Andar na rua com medo, pelo corpo que se mostra (doloroso, nesses momentos) como o de uma mulher, e por estar acompanhada e afetuosamente acompanhada por outro corpo, também lido como o de uma mulher, e que gera incômodo pelo modo de sê-lo (sê-lo corpo, de pessoa). O medo, principalmente.

como mulher, sinto as limitações para circular pela cidade, sozinha e a hora que quiser. sinto a limitação do tempo para estar com e pensar junto ou não fazer nada junto. sinto a imposição de certas necessidades de consumo, ou afetivas, próprias da dinâmica desta metrópole.

A impossibilidade do encontro: o tempo compartilhado é reduzido em decorrência de expropriação do tempo de vida; dedicado a deslocamentos e à crescente demanda de trabalho, mas também pela influência psíquica das condições de vida, criando uma precariedade nas habilidades de conexão entre sujeitos.

Esse processo produz a necessidade de grandes investimentos: a renda que escoo na moradia e transporte, enfrentamento do medo e formas de transitar sendo mulher, diminuição da potência de ação diante de situações de violação e opressão, esforço grande em fortalecer e sustentar relações próximas.

A falta de contato com a terra e o céu; o barulho dos ônibus atravessando a avenida brigadeiro Luis Antônio dia-e-noite; espaços pouco acolhedores para um bebê e, conseqüentemente para mães; a fila de pessoas que só faz crescer para ganhar um prato de comida distribuído por caridade na esquina.

Com uma grande sensação de impotência que atravessa todo e qualquer fazer. Disputa territorial, precarização do trabalho, necessidade de produção, cultura da competição, privatização do espaço público, individualismo, vigilância, disseminação do medo do "outro", do ódio ao diferente.

Saúde. O corpo suscetível a algumas "crises", parece acionar "alarmes" quando me coloco nessa tentativa de entrar nos ritmos do espaço fora, que parece ser necessário para acompanhar e participar das coisas que fazem sentido pra mim e sobreviver. Maiores vulnerabilidades: renda e saúde física.

A vida em uma cidade como São Paulo intensifica absurdamente minha sensação de vulnerabilidade e, sobretudo, de impotência. Para mim nada tem maior capacidade de destruição do Comum do que a perda da dimensão da Vida, representada de maneira soberana pela Natureza e seus ciclos.

sinto a violência policial e masculina nas ruas mais intensificada portanto como expropriação da vida urbana, pois perseguem os rastros dos corpos pretos, desviantes e femininos.

2) Como a sua precariedade te faz querer saber e experimentar no território?

Não acho que a precariedade seja motivadora, pelo contrário. De qualquer forma, gostaria de ver mais pessoas à vontade e tendo suas dignidades cada vez mais respeitadas no espaço público.

queria pensar sobre como construir confiança

Explorar maneiras diferentes (em especial nesses aspectos de tempo e atenção) de me conectar com o outro.

Tentando responder de forma sucinta: entender o território é parte do processo de me entender (e me reconhecer) como pesquisadora, além de ser parte da própria pesquisa. Estabelecer relações parece me ajudar a andar por ele com maior "segurança".

Caminhar. Observar. Estar. Perceber. Encontrar. Conversar. Reconhecer. Valorizar.

A precariedade me traz a necessidade de conexão com outras pessoas, para sair da posição de ser engolida pelo isolamento da vida privada, e sentir a possibilidade de novas formas de resistência e combate.

Essa precariedade não só reprime, como produz conhecimentos e vivências e é a partir destes que eu penso em construir, em conjunto com outras experiências, uma nova compreensão sobre o espaço que vivemos e um modo de agir diante da disputa de forças que estão colocadas.

É justamente o desejo de conhecer e lidar de uma forma mais apropriada com a minha precariedade e a relação dela com o território que me coloca como sujeito desejante deste projeto.

Experimentações em busca da liberdade de expressão e da construção de um espaço dialógico e democrático são as que mais me inspiram, jornalismo independente, oficinas de zines, ocupações, compartilhamento de narrativas e experimentação prática de retomar a cidade como território do Comum.

Eu acho que viver uma vida prestando atenção à própria precariedade me instigou a buscar e a valorizar os processos que me sustentam ou que me ajudam a amortecer os efeitos da precariedade.

Se entendi a questão, acredito que a minha precariedade me move a desejar a vinculação e a construção coletiva de sentidos, comunidade e lutas.

Ando buscando reinventar a forma de fazer parte dos lugares, que não sejam apenas lugares de passagem e reprodução do capital. Que as pessoas não sejam apenas procuradas no limite da dor, e sim para a celebração e essa alegria aí da Isabelle.

É uma necessidade quase automática, pois que o isolamento, a exposição à rotina do trabalho, a falta de espaços que permitam maior contato com a natureza, a escassez de tempo etc. acaba por nos empurrar para uma saída que vislumbra novas possibilidades coletivas no território em que se habita

Pela possibilidade de transformar frustração e repulsa em linhas de fuga para uma possibilidade de vida. Pela tentativa, fracasso e êxito em algo significativo e partilhado.

Me perceber como um corpo em luta.

A sensação sufocante e fadigante que as convivências das cidades produzem nos faz querer buscar por novas formas de relação e interação entre sujeitos. A procura do meio comum, do produzir e do realizar comum, faz-se urgente em meio a individualização mercantil, que torna o sujeito numa empresa

Fico a todo momento imaginando uma cidade diferente.

Faz querer entender melhor o território em busca de parcerias e aliados para diversos fins, de mais pessoas para conversar e trocar uma ideia sobre qualquer coisa, de descobrir lugares "incríveis" e não tão conhecidos, de aumentar a alegria da convivência na rua e de encontrar aconchego nisso.

Pois é a partir dela e dos espaços que não frequento que tenho vontade de reconfigurar o modo pelo qual habito e experimento o território.

Conhecer e descobrir as camadas do território que habitamos me fascina. Camadas históricas, naturais, dos rios que correm por debaixo do asfalto, o que já foi e o que vai ser de uma cidade

Entender os territórios e criar sentidos para ele. Pra mim me é especial porque moro em SP a 5 anos e vivo isso sempre. Mas sinto que falta até para quem é membro da comunidade.

Me dá um desejo de combatividade e de desenvolver um trabalho que questione o pertencimento do espaço e convide as pessoas a vivenciar-lo.

Desejo de construir ações que transformem o mundo, impulsiona a criar. As forças deprimidas e derrotistas (fraqueza, desânimo e impotência) estão sempre em jogo, mas a resposta agora é uma força de ação, criação e movimento, nascendo especialmente do encontro com o(s) outro(s) e com a cidade

ou, como a nosso sistema "precarizatório" nos desvia da conexão com os saberes coletivos e da entrega à experimentação?

por meio de pesquisa, buscando alternativas de potência, alternativas de ação.

Fome de me reapropriar dos momentos de criação; inventar aproximação com o outro e consigo mesmo pelas brechas da cidade que nos faz próximos enquanto transeuntes, mas distantes enquanto encontro real. Inventar espaços coletivos dos espaços públicos feitos esvaziamento e periculosidade.

não há outra opção. ou vamos ser todos fechados em nós mesmos ou construímos relações de pertencimento territorial e cultural.

Imagino sempre diferentes ações que poderiam facilmente se tornar práticas que poderiam alcançar mais racionalidade, segurança comunitária e sustentabilidade ambiental.

Busco me aproximar de regiões em que existem mais espaços públicos e por vezes brinco de ser turista na minha cidade, passo o dia andando (a pé ou de transporte público) flanando, sem compromisso, conhecendo coisas que não conheço.

Esse sentimento de individualismo me faz querer encontrar respostas na ação coletiva para tentar driblar as imposições da racionalidade capitalista estabelecida.

Não sei responder essa pergunta pois não sei identificar minha precariedade

Brota de uma necessidade de interagir com o lugar que se vive e que se habita. De ser sujeito no espaço ocupado.

Como mulher, entendo a necessidade política de unir corpos e fazer alianças na luta em rejeição às diversas formas de assimetria, além da imprescindibilidade de reivindicação do espaço público como lugar do Comum, ainda que por minhas condições não vivencie a precariedade como outros grupos sociais.

Pela vontade de conhecer melhor o meu ambiente para estar mais à vontade com ele e encontrar meios de sobreviver no local onde escolhi viver.

me ligando às pessoas a partir do que concordamos, e não do que discordamos. é a forma que relaciono minhas insuficiências com o espaço. e observo (na farmácia, cabeleireiro, doceria, etc) que a produção de angústia, sofrimento e desilusão, é a melhor régua para traçar um mínimo múltiplo "comum".

Buscando lugares e pessoas q tratem a precariedade como atributo qlqr dentre milhares q alguém pode ter, ao invés de condição p/ algo. Buscando espaços feitos por pessoas q me esqueçam do medo e de qlqr a-norma, e q tbm me ajudem e me façam esquecer delas no meu saber e experimentar c/ o outro.

a minha condição de precariedade me impulsiona a imaginar outros mundos possíveis e buscar experimentar e exaltar sua insurgência nas ruas.

O meu desejo é o de promover encontros, que se repetem, até que "garrem" e impulsionem novos acontecimentos, que permitam a cocriação de sentido para o território que habitamos.

O que me move aqui é a possibilidade de encontrar e criar linhas de fuga e redes de solidariedade. Acredito e desejo vivenciar e produzir ações no sentido potencialidade do território de geração de convivência, trocas (materiais, simbólicas, afetivas, culturais), cuidado coletivo e cooperação.

desde aquele tal de "a escassez gera abundância"

Sinto muito forte a necessidade de criar territórios, redes, de afeto, cuidado.

Agroecologia, permacultura, jardinagem ... pra mim são essencialmente sobre cuidado e cura (restauração), sobre materialização de desejos e experimentação, ou apreciação de outros ritmos e formas de vida. Gostaria de conhecer as potências do espaço em relação a essas apreciações práticas.

Minha precariedade não é um estímulo mas um obstáculo a construção de um vínculo com o território. Ela me impõe uma pressão de seguir produzindo para além de cronogramas e metas, afinal sem direitos trabalhistas somos obrigadas a ser empresas de nós mesmas.
porque minha precariedade lésbica me fez e me faz lidar com a efemeridade como forma de construir saberes coletivos, de testar.

3) Retomar nossa inteligência coletiva, fabricar bifurcações no presente. Como fazer-bairro? Qual saber-fazer-em-relação você desejaria inventar? Um arranjo socio-técnico e/ou corpóreo-sensorial e/ou estético-político e/ou cuidado-atenção e/ou de co-habitar e/ou de fazer-encontros e alianças, e/ou comunicação livre, e/ou de composição intra-espécies, e/ou de ruídos no regime binário de sexo-gênero, e/ou de neutralização dos necro-dispositivos racistas e dos tantos dispositivos da especulação que se apropriam de formas de vida produzidas no território, e/ou de nos mantermos vivos; ou outros.

vida do espaço que iremos trabalhar.

gostaria de experimentar um dispositivo feminista de escuta que possa atuar no território dando suporte para mulheres vítimas de violência sexista

Reconstruir a paixão e o prazer na ação em comum.

Não sei responder, se não, tudo isso e mais um pouco. Não sei. Preciso pensar, junto.

Percebo algumas possibilidades. Mas quero decidir qual ação manifestar, um pouco mais para frente no processo.

Não sei se entendi a pergunta. Mas como tenho uma relação com a temática da prostituição, tenho muita vontade de atuar junto a elas, o que encaixo no cuidado-atenção e, talvez até mais, no fazer-encontros e alianças.

Estes vários arranjos me interessam, mas principalmente o sócio-técnico, para compreender as tecnologias sociais que vem sendo usadas, os ruídos do regime binário sexo-gênero e o questionamento desse regime e por fim os necro-dispositivos racistas que produzem uma certa forma de viver.

Meu desejo está apontando para discutir cuidado-atenção, de co-habitar, de fazer-encontros e alianças, e/ou comunicação livre, e/ou de composição intra-espécies. Compreendo que esses pontos se conectam permanentemente.

Eu desejaria cooperar na construção de coletivos e iniciativas que transformem o meio urbano numa verdadeira ágora política do Comum, conversas, debates, ensinar e aprender, compartilhar, construir dispositivos que permitam essa comunicação livre e fluxo de informação, com oficinas e entre outros.

Um arranjo de cuidado-atenção e de fazer-encontros e alianças

É para escolher entre as opções e, se for o caso, agregar outras? Minha resposta iria na direção de colaborar na invenção - e no aprendizado de como facilitar/ mediar tais invenções - principalmente de arranjo sociotécnico, cuidado-atenção, co-habitar e fazer-encontros e alianças.

Retomar? Duvido. É preciso inventar, mesmo. Não me parece que há um fazer-saber dormente ou silenciado pronto para ser resgatado ou ser apropriado de outros lugares e, principalmente, outros tempos - especialmente os passados (quem faz isso são os conservadores). Qual que EU quero? Ainda não sei.

Algumas ideias que já me ocupei em refletir são relativas a experimentações no campo de novas formas de moradia coletiva, cooperativa de consumo, meios de transporte ativo, abertura de espaços verdes, des-securitização do território e combate à arquitetura excludente.

Eu me imagino mais afim aos arranjos de comunicação livre. No entanto, acredito que um arranjo potente reverbera sobre todos os arranjos mencionados, de modo que não há de fato uma fronteira entre eles.

regime binário de sexo-gênero

Uma sociabilidade diferente que fuja da lógica mercadológica da concorrência/competição, e que, de alguma forma atravesse esses pontos, (e outros como novos meios de cultivar a terra e/ou novos arranjos de família, etc.) é essencial. Adentrar nessas práticas como algo diário e não somente pontual.

Retomar o encantamento com a luta política.

arriscaria dizer, sem certeza, como intenções práticas de fazer-bairro mais criativas, prazerosas e de convivência com muitos diferentes, duas coisas: inventar uma comunicação livre nas ruas (postes? rádio?) ou um espaço de convivência e cuidado com outros seres (horta?)

Todas as propostas são interessantes, mas acredito que gostaria de inventar um arranjo estético-político.

Acredito que seja possível uma reação em cadeia. Iniciar em mim, me ver no outro e nos ver no todo. Acho que isso significa empatia, tem que ser para além das pessoas, precisamos de mais empatia no mundo, por cada ser vivente.

A consciência da comunidade e a manutenção dela, seja no aspecto econômico seja no aspecto cultural. estético-político

Criar interlocução, intensificar e pluralizar o pensamento em torno de estratégias que envolvem cuidado, arte, comunidade, política, afeto, relação, escuta, empatia, acolhimento, cooperação, colaboração, sofrimento sociais etc. Quem saber desenvolver novas estratégias de ação no mundo a partir do próprio lab.

dispositivos de co-responsabilização e implicação mútuas com a vida

desejo inventar ou ver inventado tudo isso que a pergunta cita e incita.

Espaços de poder ficar/habitar quando tudo apressa, de poder se atentar e produzir afetação onde a zumbificação se fez estratégia cotidiana de sobrevivência... Algo pra lembrar a alteridade humana do outro onde esquecemos.. Espaços onde se produza relações de troca não mediadas só pelo consumo.

acho que nos mantermos vivos, no sentido de habitar, pensar e agir engloba mas não exclui todos os outros arranjos. Um novo modo de vida tem que ser inventado. Inventar um co-habitar novo, atencioso e cuidadoso. E que não deixe de ser corpóreo-sensorial.

Alianças com cooperativas de catadores, estrangulando calçadas nas esquinas e assim ampliando espaço disponível para encontros, criando lugar preenchido de presenças, usufruir da proximidade física para compras coletivas, rodizio em cuidados, plantios nos vazios urbanos, celebrações

Gostaria de compartilhar possibilidades de aprendizados, um espaço de acontecimento, onde a música, a arte, a culinária, o vídeo, o esporte, a costura acontecem e quem quiser pode se aproximar, onde cada um e todos compartilham saberes.

Por conta da minha experiência acadêmica, me parece mais próximas ações de comunicação livre e de se pensar e revelar as tecnologias de controle que nos cercam. Acredito que, em um primeiro momento, essa poderia ser a minha contribuição mais relevante.

saber-fazer-em-relação do con-vivido e do reconhecimento do outro em si/mim

Penso que os caminhos são cada vez mais coletivos. Mesmo por que fazer-bairro requer disposição de contribuir para o que é comum. Entendendo que as relações se dão no encontro e no respeito a diversidade humana. Resistir as formas de vida mercantilizada e produzir espaços e territórios livres é um..

Os espaços urbanos são atravessados por conflitos materiais e simbólicos. Assim, acredito que o Comum, enquanto lugar político de cultura e resistência, deve ser utilizado para as diversas formas de manifestações, ou como diz David Harvey, usufruído como espaço do direito ao aparecimento nas ruas.

Queria conseguir conectar mais os serviços e possibilidades do ambiente as pessoas que aqui vivem, desperdiçar menos e unir mais.

usando os termos do formulário, "cuidado-atenção"; "encontros e alianças"; "comunicação livre"; "nos mantermos vivos" são as expressões que mais me tomam. mas, sobretudo, "corpóreo-sensorial". a fenomenologia, a experiência sensível, algo dessa ordem... se isso morrer, é isso que irá nos matar!

Ñ consigo pensar em mto p/ o q disse acima, mas o q tenho visto como saída se encaixaria em encontros e alianças; laços, afetuosidade e diálogo têm, c/ esforço, quebrado padrões de dispositivos q em essência ameaçam à vida. Só é difícil criar laços e diálogos em/com cidades estranhas e desconhecidas estético-político, cuidado-atenção, alianças contra-hegemônicas, neutralização dos necro-dispositivos racistas. outros: escuta profunda. aprender com o saber inconsciente.

A possibilidade experienciar o território passa pela valorização da nutrição em seu sentido mais amplo. Essa nutrição passa pelos modos de produção de alimentos e também pela própria ação de alimentar-se: pode estar presente em hortas urbanas, cozinhas coletivas, refeições coletivas.

Em função do que já tenho tentado experimentar, me atrai a possibilidade de experimentar a produção de encontros e alianças, associados à produção de cuidado - pensando cuidado de um ponto de vista cultural e portanto também envolvendo a esfera estético-política e corpóreo-sensorial.

Fazer encontros e alianças para tantos e todos e/ous

Criando redes de cuidado fortes e consistentes, capazes de criar ruídos no regime binário de sexo-gênero, de neutralizar os necro-dispositivos racistas e os dispositivos da especulação que se apropriam de formas de vida produzidas no território, e de nos mantermos vivos e não sobrevivendo.

Não sei bem como responder essa questão. Mas na leitura, o que senti mais movimentar algo internamente é o que parece estar conectado a composições intra-espécies enquanto cuidado-atenção e co-habitação, mas atravessado o tempo todo pelas percepções corpóreo-sensoriais em relação a esses fazeres.

Além e apesar de tudo eu gostaria de vivenciar a Comunicação de fato. Desarmar e desarmar-se para que realmente pudéssemos nos fazer entender e assim construir um viver em comum. Praticar no micro aquilo que exigimos no macro. Sendo o mundo uma experiência cotidiana é no cotidiano que ele se recria. estético-político com a dissidência